

Motricidade Humana e subjetividade: a rede de sentidos, valores e relações

Sérgio Oliveira dos Santos¹

Resumo: Propomos neste estudo observar o entrelaçamento da motricidade humana com a subjetividade, desde a matriz sensível do corpo e seus desdobramentos multilinguísticos. Ao percorrer quatro dimensões compreensivas a partir dessa temática, a seguir: 1) a subjetividade do corpo; 2) o *ser-motricio* como relação ação/sentido/linguagens/situação; 3) a ação humana capaz de transfigurar, criar e interpretar realidades; 4) a motricidade como unidade integradora, vamos trabalhar com o problema da limitação da linguagem escrita como único modo de acesso e expressão dos fenômenos motrícos. Apresentaremos um percurso metodológico que considera as múltiplas realidades vividas como experiência de totalidade, ou seja, a possibilidade de formar “mundos horizontes” pela ação humana que, pelo potencial das múltiplas linguagens, pode ser mais bem interpretado como rede de sentidos, valores e relações. Tal perspectiva permite superar os métodos de pensamento linear e decodificador da realidade vivida e sugerir a elaboração de aportes iniciais para uma “pedagogia da ação”.

Palavras Chave: motricidade humana; subjetividade; múltiplas linguagens; pedagogia da ação.

Abstract: We propose in this study to observe the interweaving of human motricity with subjectivity, from the sensitive matrix of the body and its multilinguistic unfolding. In going through four comprehensive dimensions from this theme, the following: 1) the subjectivity of the body; 2) the “ser-motricio” as relation action/sense/languages/situation; 3) human action capable of transfiguring, creating and interpreting realities; 4) motricity as an integrating unit, we will work with the problem of limiting written language as the only way of accessing and expression of motricity phenomena. We will present a methodological course that considers the multiple realities lived as an experience of totality, that is, the possibility of forming "horizons worlds" by human action that, through the potential of multiple languages, can best be interpreted as a network of meanings, value and relationships. This perspective allows us to overcome the methods of linear thought and decoder of the lived reality and to suggest the elaboration of initial contributions for a "pedagogy of action".

Keywords: human motricity; subjectivity; multiple languages; pedagogy of action.

Introdução:

“O sentido/significado, como intencionalidade criadora da ação, representa a dimensão da motricidade onde circulam os domínios subjetivos e imateriais, muitas vezes ignorados e pouco compreendidos pela dificuldade de acessá-los pelos métodos tradicionais da ciência clássica, tornando a compreensão reduzida ao “ato do fazer”. Para uma mesma ação pode ligar-se uma infinidade de intencionalidades e sentidos, pois <o Homem não vive num mundo de coisas, nem procede more geométrico – ele vive num mundo de significações> (SÉRGIO, 1985, p. 18).

Nos estudos que venho realizando sobre o *ser-motricio*², a temática da subjetividade torna-se relevante a partir do momento que fica evidente que a motricidade humana não se refere ao simples deslocamento de um corpo-objeto num

¹ Doutor e Mestre em Educação pela UMESp. Membro fundador da REMoHC - Rede Educativa de Motricidade Humana e Corporeidade. Professor Formador - CECAPE - Centro de Capacitação dos Profissionais da Educação de São Caetano do Sul. Pesquisador em Motricidade Humana, Linguagem e Educação. Membro do Grupo de Estudo de Fenomenologia/Hermenêutica e Educação. Coordenador do Grupo de Estudos - As essências do ato educativo. Membro do CEMOrOc – Centro de Estudo Medievalis Oriente & Ocidente – FEUSP.

² Cf. SANTOS, S.O. O *ser-motricio*. *Revista International Studies on Law and Education*. Cemoroc/EDF- USP e Univ. do Porto, nº 27, setembro-dezembro de 2017, p. 37-48. Disponível em: <http://www.hottopos.com/isle27/37-48Sergio.pdf>

espaço-tempo mensurável, interpretado por uma relação causa-efeito em busca de mais produtividade. Há no mover humano, dimensões muito singulares. A subjetividade é sem dúvida uma delas.

Mas, de qual subjetividade trataremos? Qual é a importância de compreender a relação da subjetividade com a motricidade humana³? É possível pensar na ação humana sem considerar a subjetividade do corpo? Quais são os desdobramentos compreensivos dessa temática para a educação, que porventura desconsideram o corpo como unidade de conhecimento?

A educação formal tem recebido uma significativa quantidade de projetos provenientes de outras áreas, especialmente as tecnológicas, que emergem, de certo modo, impondo uma perspectiva de superação da complexidade da tarefa de formação humana referenciados pelos sistemas algorítmicos⁴. Tudo parece se resolver diante de telas, sistemas robóticos, mídias e suas potencialidades virtuais, sistemas de comunicação à distância, plataformas criativas comandadas por sistemas binários⁵, jogos eletrônicos e todo tipo de aparato que veicula a linguagem dos sistemas algorítmicos. O risco cresce na medida em que até os comportamentos humanos são incluídos nesses mecanismos teleológicos excessivamente racionalizantes, criados para solucionar as nuances inter-relacionais, ainda configuradas dentro de um paradigma cartesiano, dualista e idealista, onde a corporeidade e a motricidade humana são desconsideradas como genuínas fontes de conhecimentos. Tudo parece ser resolvido com um aplicativo algorítmico binário transmutado por um tipo de aparato tecnológico que vai “decodificando” os problemas cotidianos próprios da formação humana.

Há um conjunto de questões que gostaríamos de apresentar. Corre-se o risco (se é que já não estamos imersos nessa problemática) de existir uma inversão de valores e sentidos humanos a partir do que é determinado por esses sistemas criadores de realidades virtuais onde “o ser humano se torna um elo dentro das estruturas do pensamento operatório autônomo em detrimento da subjetividade operante do mundo-da-vida com seus valores e motivações” (JOSGRILBERG, 2017. p.3). Não seria essa inversão uma armadilha proveniente da própria capacidade humana de transfiguração de realidades? Não seriam essas proposições, tomadas como a única saída para motivar os sujeitos pela busca do conhecimento, um risco para a formação humana? Não estaríamos a caminho de um “déficit” existencial preocupante, especialmente quando consideramos o empobrecimento das vivências corpóreas e suas possibilidades

³Algumas notas sobre a Ciência da Motricidade Humana:

O que é: Energia para o movimento intencional da transcendência; Mover-se em direção a conscientização; Praxis criadora; Ser humano que, em sua complexidade, se mobiliza (sente, emociona, percebe, pensa) desde o momento presente à transcendência numa vinculação do si mesmo, como o outro, no mundo; Como: Adentrando-se na subjetividade – sensório/perceptiva- emotiva- intelectual- mágica desde todo tipo de situação provocativa em problemas reais da vida e do mundo (mundo da vida); Por quê: Por que o ser humano é único, indivisível e complexo, pois se constitui com o outro e com o universo onde pertence (co-implicação); Para que: Projeto de humanização – Busca da expansão do ser humano; Realização de outros mundos possíveis; Projeto ético-sócio-político de revolução dos povos; Movimento: vida, energia, intencionalidade, superação; Ação.

Cf. TRIGO, E; MONTOYA, H. **Motricidad humana: aportes a la educación física, la recreacion y el deporte**. España-Colombia: Instituto Internacional del Saber Kon-traste. Colección Léeme 17, 2015, p.57.

⁴Um algoritmo nada mais é do que uma receita que mostra passo a passo os procedimentos necessários para a resolução de uma tarefa. Ele não responde a pergunta “o que fazer?”, mas sim “como fazer”. Em termos mais técnicos, um algoritmo é uma sequência lógica, finita e definida de instruções que devem ser seguidas para resolver um problema ou executar uma tarefa.
<https://www.tecmundo.com.br/programacao/2082-o-que-e-algoritmo-.htm>

⁵O sistema binário, ou de base 2, é um sistema de numeração posicional em que todas as quantidades se representam com base em dois números, o um e o zero.

de expressão por múltiplas linguagens e a redução no potencial interpretativo (visão de mundo) em função de uma centralização em sistemas educativos influenciados por um tipo de linguagem dominante?

É importante deixar claro que não somos contrários às linguagens tecnológicas e à contribuição dos sistemas algorítmicos na vida cotidiana, mesmo porque, já se observa o domínio desses sistemas em diversas facetas de nosso modo de ser e conviver. A questão que apresentamos, como modo de alerta, é que muitas tarefas de configuração e interpretação das realidades humanas, onde a subjetividade tem sua gênese, acessíveis somente pelas possibilidades corpóreas, estão sendo substituídas por sistemas que se apresentam como capazes de realizá-las com “mais eficiência”, mas que podem obstruir o contato como o solo originário do mundo-da-vida, aquele que antecede qualquer ciência, um mundo não tematizado, um mundo antipredicativo de matriz sensível da corporeidade/consciência, exatamente onde está a gênese da subjetividade. Esse é, por exemplo, o risco que corremos em reduzir a importância da educação apenas em seu caráter instrumental.

Mas, deverão ser os sistemas algorítmicos a referência primordial para a formação humana, especialmente no tema da ação e da subjetividade? Um sistema algorítmico tem seu radical de ação movido por uma intencionalidade operante subjetiva, desencadeada por um corpo perceptivo e consciente? Aonde um algorítmico não chega? Que realidades essencialmente humanas não são acionadas pelos sistemas binários? Sistemas algorítmicos são capazes de construir “visões de mundo” ou configurar “um mundo horizonte de atuação, pertencimento e realização”? Quem é que deveria ter o domínio e o *status* de potencial para a virtualidade, tomada como processos de transfiguração de realidades, o ser humano dotado de uma corporeidade de sentido/sensível e multilinguístico, ou um conjunto de sistemas digitais de inteligência artificial? O que é essencialmente humano e que deveria ser assumido como princípio referencial para a configuração de um ato educativo? Como a subjetividade humana é influenciada por esses horizontes de atuação massivamente influenciados pelas tecnologias da informação?

Nesse artigo pretendemos dialogar com essas questões a partir da apresentação de uma matriz compreensiva que se referencia por princípios ontológicos da ação humana. Por essa razão, e como modo de criarmos um contraponto frente às novas tendências da educação, vamos aprofundar o tema da subjetividade e da ação (motricidade humana), pois segundo vamos apresentar, é nessa dimensão que estão os fundamentos e referências que delimitam essencialmente os valores, as relações e os sentidos para a formação de um ser que tem para si a tarefa de realizar-se co-implicadamente no mundo, pois:

Como ser-no-mundo, o homem é movimento e o que o possibilita mover-se, dirigir-se a alguma coisa, seja caminhando até ela ou simplesmente voltando-lhe o olhar, é o corpo. Neste sentido, mover-se é uma forma de sair de si para ser-com, abrindo-se à alteridade. (...) O movimento, portanto é uma maneira de nos relacionarmos com as coisas e uma forma legítima de conhecê-las: uma cognição sensível. (REIS, 2011, p.40)

Desejamos compreender e apresentar as relações entre a motricidade humana e a subjetividade numa perspectiva de “rede de sentidos, valores e relações”, cujo princípio é situar a dimensão subjetiva da ação humana entrelaçada com outros níveis de realidade, como a objetiva, a intersubjetiva e a transcendente, aqui interpretada

como a desejabilidade humana de *ser-mais*⁶. Ao explorar e entrelaçar a relação motricidade/corporeidade com a subjetividade, nosso propósito é evidenciar que a formação humana correrá riscos de empobrecimento de vivências e narrativas se os projetos educativos apenas orbitarem, ou mesmo desconsiderarem, algumas essências do ato educativo preocupados em compreender o modo de *ser-no-mundo* como *ser-motricio*.

A subjetividade faz mover, já que situa a ação humana num âmbito de atuação, realização e pertencimento. É a possibilidade de organização da matriz corpórea do conhecimento. É o estado qualitativo que permite transitar da materialidade vivida às narrativas, onde as estruturas das realidades objetivas são transpostas pelo poder de interatuação dos sistemas sensíveis do corpo, chegando ao sentido/significado, próprio das múltiplas linguagens, permitindo ao ser humano a *criação de mundos e a busca pela plenitude de realização*.

Não há acesso direto à subjetividade humana, pois não se trata de um “objeto” ou de um sistema binário, está mais para um âmbito⁷, ou seja, um “horizonte de mundo” que, segundo defendemos, é revelado pela ação (motricidade humana) compreendida como unidade/totalidade integradora de múltiplas realidades, ou seja, não dá para acessar ou descrever a relação motricidade/subjetividade tão só por um conjunto de palavras e termos. Por mais significativa que seja a linguagem escrita, ela será insuficiente para revelar a complexidade de “rede de sentidos, valores e relações” que está viva no fenômeno do *ser-motricio*.

Para o desenvolvimento da temática a abordagem será uma imersão nas dimensões subjetivas da ação humana intencionalmente associada às vivências. Vincularemos essas perspectivas compreensivas com as emergentes demandas para um contexto contemporâneo, especialmente a produção de sentido da ação, os modos relacionais, o universo valorativo e a capacidade de vivenciar e interpretar distintas realidades. Essas características da ação humana pertencem ao exercício contínuo de saber situar-se num mundo como projeto de realização co-implicada.

Para tratar do tema, metodologicamente passaremos por 4 dimensões compreensivas. Cada dimensão compreensiva será constituída de um tema central e um conjunto de interpretações que serão dinamizadas com a apresentação de modos humanos de habitar a relação ação/subjetividade. Nosso método é, portanto, hermenêutico.

A primeira dimensão tratará “A SUBJETIVIDADE DO CORPO”, onde vamos explorar conceitos de “corpo próprio” ou “corpo vivido”, da subjetividade inerente ao corpo humano, do fenômeno do corpo como sentido/sensível e como sentido/significado, onde figuram as linguagens. A pergunta de trabalho nessa primeira dimensão é: como é o modo próprio de ser do corpo humano?

A segunda dimensão vai explorar o fenômeno da subjetividade do *SER-MOTRÍCIO*, ou seja, da importantíssima relação “AÇÃO-SENTIDO-LINGUAGENS-SITUAÇÃO”, sendo esse um dos mais importantes conceitos para compreendermos a relação das ações humanas com a subjetividade e, potencialmente, com a intersubjetividade. Veremos que somos *seres-motricios-linguajantes*. Trabalharemos com as questões: por que os humanos, nos seus modos de ação, não se contentam apenas em satisfazer os condicionantes biodinâmicos da existência determinados pela realidade objetiva? Por que a ação humana não cabe em um sistema algorítmico?

A terceira dimensão vai tratar do modo próprio do agir humano que é “TRANSFIGURAR, CRIAR E INTERPRETAR REALIDADES”. Propomo-nos

⁶ “Capacidade de doar sentido ao movimento que visa à transcendência” (SÉRGIO, 1994, p. 54).

⁷ Dimensões de realidade humana lúdico/criadora, ficcional, transfiguradora, campo de jogo. Cf. LÓPES QUINTÁS, A. *Inteligência criativa: descoberta pessoal dos valores*. São Paulo: Paulinas, 2004, p. 49-55.

responder a seguinte questão: como humanos, somos seres de um único e pré-determinado tipo de realidade?

A quarta e última parte do trabalho vai explorar a “AÇÃO - MOTRICIDADE HUMANA” como unidade estruturante primordial – compreendida como modo de expressão/interpretação, e não somente de modo reducionista. Como seres de ação, sentido, valor, relações e linguagens, somos seres hermeneutas, pois vivemos numa constante realidade interpretativa, que não está somente ligada às necessidades de configuração de uma vida utilitária delimitada pela realidade objetiva (física) ou por sistemas algorítmicos. Para poder formar-se, o ser humano transcende a ação de finalidade causal para uma busca incessante de plenitude de realização co-implicada. Isso permite fazer uma distinção entre formação de viés instrumental e a práxis criadora⁸, pois não reduz a ação humana somente ao deslocamento do corpo num espaço/tempo euclidiano com finalidade produtiva, já que movemos intencionalidades em âmbitos de atuação, pertencimento e realização, ou seja, elementos constituintes da subjetividade e intersubjetividade humana. Trabalharemos com a questão: Como a unidade estruturante primordial do ser-no-mundo, como a ação (motricidade humana) pode configurar um significativo referencial educativo?

Para tratar dessas questões proponho um percurso compreensivo cujas descrições defenderão que:

- 1) O *ser-motricio* é um âmbito existencial de entrelaçamento de realidades objetivas, subjetivas, intersubjetivas e transcendententes;
- 2) A ação (motricidade humana) rompe e desnaturaliza a fragmentação dessas realidades pela força integradora, própria de uma unidade estruturante primordial;
- 3) Não há como dizer a totalidade da experiência motricidade/subjetividade tão só com termos e palavras, por isso sugerimos um acesso por “redes de sentido, valores e relações”;
- 4) A ação (motricidade humana) pode ser o referencial para a configuração de projetos educativos formais, não formais e informais pela revelação de âmbitos relacionais, valorativos e de sentidos essencialmente humanos, estado existencial onde os sistemas algorítmicos têm limites de atuação. Chamaremos esse projeto de “pedagogia da ação”.

Sobre o método: a limitação da linguagem alfabética e algorítmica

É um desafio encontrar modos de descrever como a corporeidade sente e percebe o mundo. Deparamo-nos com uma enorme dificuldade em realizar a transcrição do modo de *ser-motricio* para uma linguagem escrita. Por mais rica que ela seja e, mesmo permitindo a estruturação de conceitos e terminologias além de toda a riqueza semântica das metáforas, ela não dá conta de dizer o todo da experiência, o que dizer então de um sistema binário, totalmente incorpóreo. Quando falamos em ação (motricidade humana), o universo que tratamos de vivenciar e compreender não se ajusta ao modelo de divulgação de artigos acadêmicos tradicionais. Esse modelo metodológico não é adequado como espaço de divulgação e valorização, pois é insuficiente para dar conta de transmitir e expressar esse universo existencial. Então:

⁸ “O Processo criativo de um ser em que as praxias lúdicas, simbólicas e produtivas traduzem a vontade e as condições de o homem se realizar como sujeito, ou seja, como autor responsável dos seus atos, designam, além disso, a capacidade (e o direito) de construir uma situação pessoal de maturidade e de sonho, que torne possível a existência liberta e libertadora e que adquira a expressão do inédito e do absoluto”. (SÉRGIO, 1994, p. 36; SÉRGIO, 1999, p. 150)

como encontrar “palavras” e “termos” para dizer sobre o entrelaçamento motricidade/subjetividade?

Começo a compreender, desde o radical sensível da corporeidade, que esse limite de acesso e transcrição de determinadas realidades só por palavras pode ser transposto por um "conjunto de múltiplas apreensões e expressões em rede". Uma espécie de "teia de múltiplas linguagens" por onde podemos situar nossos modos de *ser-motricio*. Um conjunto em rede que perpassa desde as mais concretas relações com a materialidade do ato formadas pelo sentido sensível do corpo, onde são originadas as diversas possibilidades subjetivas, interagindo com outras subjetividades (intersubjetividade) a caminho das realidades transcendentais (*ser-mais*). Tudo isso encontrando diferentes caminhos e formas de expressão, de acordo com as singularidades das ações. Esse processo metodológico tem relação com a ideia de “método integrativo”, proposto pelo Dr. Manuel Sérgio⁹ e, mais ainda com a “Investigação Encarnada” da Dra. Eugenia Trigo¹⁰. Não creio que possamos encontrar um "termo" que consiga dizer o que é o entrelaçamento motricidade/subjetividade, mas podemos revelar uma teia de atuações e pertencimentos, considerando que “pertencer” é distinto de “estar” em algum lugar, mas fazer parte ativamente dele, situar-se numa dinâmica existencial.

Desse modo, não vou me ocupar em encontrar terminologias, mas revelar os "fenômenos motrícos" sempre dinamicamente por "redes de sentido, significação, valores e relações¹¹ multilinguísticas", ou seja, formas dinâmicas de dizer a experiência subjetiva do corpo em ato por muitas vias.

Como *seres-motrícos* somos multifacetados, ou seja, podemos dialogar com o mundo de muitos modos, temos acesso a várias realidades. Somos transfiguradores e criadores dessas múltiplas realidades. Não vejo como reduzir essa complexidade em um agrupamento de palavras, frases ou termos. Não que a linguagem escrita seja pobre ou que devamos desconsiderá-la como importante, mas com certeza é insuficiente. O método de acesso, registro ou transcrição que compreendo coerente com a natureza dinâmica do problema é efetivado por essa ideia de "conjunto de múltiplas apreensões/expressões em rede”.

Veja o exemplo das experiências do extremo oriente, como a cerimônia do chá (*Chado*), onde os sentidos de uma ação são expressos como “rede de sentidos”, onde o vivido (motricidade/subjetividade) estão sendo "ditos" por muitos modos complementares de linguagens.

A um sinal do mestre, os convidados vão para um jardim interno que enlaça a casa do chá. O soar de um gongo – cinco ou sete toques – indica que vai começar a parte principal da cerimônia. Repetem-se as abluções e todos voltam para a sala. Um ajudante retira as persianas de junco das janelas para que a sala se encha de luz (que representa a luminosa presença das visitas...). Nesse meio tempo, o quadro da *tokonoma* foi retirado e em seu lugar instala-se um *ikebana*, arranjo floral artístico (que alude ao aroma e à beleza que os convidados trouxeram à casa). As cerâmicas para o chá e para a água já estão em

⁹Cf. PEREIRA, A.M. A ciência da motricidade humana e as suas possibilidades metodológicas. **Revista Digital do Paideia**, v.2, n.2, outubro de 2010, p. 376-392. Disponível em: <https://www.fe.unicamp.br/revistas/ged/rfe/article/view/2162/2031>

¹⁰ Cf. TRIGO, E. **Ciência e investigação encarnada**. Espanha: Instituto Internacional del Saber , Colección Léeme 8, 2011.

¹¹ Para compreender a importante distinção entre sentido e significação veja: JOSGRILBERG, R.S. Sentido e significação: uma essencial distinção hermenêutica. In: NOGUEIRA, P. A. S. Religião e linguagem: abordagens teóricas interdisciplinares. São Paulo: Paulus, 2015.

seu lugar e o anfitrião entra com a chaleira (com o misturador de bambu) e, em cima, a colher de bambu. (HIROSE, 2010, p. 111)

Em muitas das vivências, não é palavra o único modo de “dizer” a relação motricidade/subjectividade, mas também os elementos ritualísticos, provérbios, metáforas, canções, pinturas, simbolismos dos objetos, etc. É na totalidade das vivências e suas múltiplas possibilidades linguísticas de transposição e transfiguração que estão sendo revelados os modos de acesso e transposição da matriz existencial de *ser-motricio*, e não numa "palavra", muito menos num sistema binário.

A subjectividade do corpo.

Nossa primeira incursão para compreender a relação motricidade/subjectividade passará pela concepção de corpo. Para isso vamos tratar da questão: como é o modo de ser do corpo humano?

Pela metodologia da “rede de sentidos” vamos “falar” do modo de ser corpo a partir de diferentes transcrições. Vamos iniciar por um conjunto imagem-poesia-música, considerando que a matriz da compreensão é a própria condição do corpo-vivido, impossível de ser retratada diretamente, ou seja, o acesso é sempre indireto. Vejamos a seguir uma imagem e a letra da música “O corpo” de Paulinho Moska.



Figura 1- Woman Trapped Behind A Bar Code
<http://www.johnlund.com/page/1487/naked-woman-behind-bar-code-bars.asp>

O corpo – Paulinho Moska¹²

*Meu corpo tem cinquenta braços
E ninguém vê porque só usa dois olhos
Meu corpo é um grande grito
E ninguém ouve porque não dá ouvidos
Meu corpo sabe que não é dele
Tudo aquilo que não pode tocar
Mas meu corpo quer ser igual àquele
Que por sua vez também já está cansado de não mudar*

*Meu corpo vai quebrar as formas
Se libertar dos muros da prisão
Meu corpo vai queimar as normas
E flutuar no espaço sem razão*

¹²Letra em: <https://www.lettras.mus.br/paulinho-moska/130039/>.
<https://www.youtube.com/watch?v=fcIzKZ10bJY>.

Vídeo em:

*Meu corpo vive, e depois morre
E tudo isso é culpa de um coração
Mas meu corpo não pode mais ser assim
Do jeito que ficou após sua educação*

A poesia, a música e a imagem falam de um corpo humano que não é um objeto, mas uma realidade subjetiva, pois se refere a uma percepção de si mesmo, a partir do vivido, cujas percepções emergentes são apresentadas por duas distintas e complementares linguagens. A subjetividade de um corpo sensível e linguístico é aquela em que o sentido humano configura ser diante do mundo vivido. O corpo do *ser-motricio*, isto é, o corpo-sujeito, por ser dotado da capacidade de reflexividade¹³ é capaz de tocar e ser tocado pelo próprio toque, capaz de ver e ser visto, capaz de sentir e sentir-se, capaz de agir e doar significado para a ação. A subjetividade do corpo é o entrelaçamento dos sentidos biodinâmicos, antropológicos e existenciais, vividos em dimensões não-reflexivas, pré-reflexivas e multilinguísticas. “A realidade última de meu ser é o corpo que sou. (...) Sou eu que ando, ouço, mastigo, sou eu que entro no teu corpo delicado, tão frágil e tão vivo, sou eu que todo ai estou com a complexidade que me estrutura” (FERREIRA, 1978, p. 252-253).

É no corpo de sentido sensível que está a gênese da subjetividade. Aqui trabalhamos com o princípio de uma subjetividade encarnada. “Pelo movimento da percepção, a subjetividade une-se e se encarna no mundo, ao mesmo tempo em que o mundo torna-se fenômeno de visibilidade para o sujeito” (SOMBRA, 2006, p. 159).

Com isso podemos considerar que a subjetividade está encarnada devido a reflexividade corporal, ou seja, a subjetividade está no entrelaçamento da dimensão pré-reflexiva do corpo engendrado com o mundo. Nesse engendramento o corpo-sujeito emerge com a capacidade de “apreender fenômenos e expressar significados” (SOMBRA, 2006, p. 171).

O *ser-motricio* traduz a subjetividade do corpo em expressão dos modos de ser

Partimos do pressuposto de que a subjetividade está assentada na matriz corpórea, como consciência de si, emergindo como síntese do corpo-próprio, tendo em conta as vivências do ser e seus desdobramentos de sentido que formam uma unidade/totalidade dinâmica existencial (REIS, 2011). Desde aí, rompe-se com a compreensão de que a subjetividade é uma dimensão abstrata, que funciona ao nível de representações mentais e que “reflete” o mundo percebido pelo corpo sensível.

O *ser-motricio* é um fenômeno objetivo, subjetivo, intersubjetivo e transcendente, só possível de compreender se criarmos, metodologicamente, um acesso novo, ou seja, novos modos de **visá-lo**. Diante do desafio de formular e dar sentido a uma nova realidade compreensiva é necessário entrelaçar distintas linguagens. (SANTOS, 2017, p.37)

A subjetividade encarnada é percepção, é ativa, é viva, é motricidade. E com essa compreensão vamos trabalhar com a questão: por que os humanos, nos seus

¹³ “O corpo exhibe, com efeito, dupla aptidão: de sentir e de se sentir. (...) tocar, torcar-se e ser tocado, ele adquire a experiência singular de ser corpo-reflexivo: pode experimentar-se como corpo que sente, como sujeito e objeto da percepção. É essa experiência consigo mesmo – como carne sensível que tem como característica essencial reconhecer-se como *reflexividade* – que dá lugar a uma subjetividade corpórea, cuja forma originária é ser corpo”. (SOMBRA, 2006, p. 156)

modos de ação, não se contentam apenas em satisfazer os condicionantes biodinâmicos da existência? Por que a ação humana não cabe num sistema algorítmico?

Tomemos, por exemplo, o ato de “ver”. “Ver” não é decodificar, “é mais que um processo neurológico de estímulos e efeitos” (SOMBRA, 2006, p. 160). “Ver é apreender o real com todos os sentidos” (LE BRETON, 2016, p.73). O ato de “ver” transfigura-se para um “olhar”, pois se refere a um “sentido de mundo”, ou seja, a um mundo horizonte, um mundo de possíveis ações. Não se trata de um esquadramento das relações causais de espaço-tempo-objeto, uma vez que o “olhar” é produtor de sentido circunscrito numa configuração cultural de relação e valor. “O olho é sem inocência, ele chega às coisas com uma história, uma cultura, um inconsciente. Ele pertence ao sujeito. Enraizado no corpo e nos outros sentidos, ele não reflete o mundo, o constrói por suas representações. Ele serve-se de formas portadoras de sentido” (LE BRETON, 2016, p. 93). É o processo encarnado de matriz sensível da subjetividade que vai delineando uma visão de mundo. Essa, por sua vez, emerge no corpo-vivido como “rede de sentidos”, que vai das diversas relações de sentidos/sensíveis e, pela reflexividade do corpo, passa a desdobra-se como sentidos/significados, onde emerge o fenômeno da expressão. Portanto, “olhar” é um processo de interpretação e não de decodificação. O Olhar do *ser-motricio* forma um “horizonte de mundo”, dimensão existencial onde o sistema binário não chega, ou, será que sistemas algorítmicos são capazes de criar “visões de mundo”?

Revela-se a dimensão essencial do entrelaçamento motricidade/subjetividade: a matriz compreensiva do *ser-motricio* como AÇÃO – SENTIDO – LINGUAGENS – SITUAÇÃO. Nessa relação, a subjetividade é um modo de apropriação das realidades pela via da corporeidade ativa, ou seja, o sentido de ser, revela-se como totalidade pela motricidade. A motricidade supõe um desvelar da subjetividade desde a matriz sensível do corpo potencializada pelas múltiplas linguagens. A passagem do sentido/sensível para o sentido/significado é o que configura a condição de *ser-motricio* intérprete das realidades, um ser que habita uma “rede de sentidos”. O *ser-motricio* não põe somente realidades objetivas em movimento, faz mover sentidos, relações e valores assentados na subjetividade encarnada.

Como exemplo, podemos citar a prática do *Parkour em Gaza*. Observa-se um grupo de jovens palestinos que se reúnem para encontrar um modo de “se sentir livre” no meio de uma cidade sitiada, utilizando para suas ações acrobáticas, próprias da modalidade, os prédios destruídos por bombadeios. Onde materialmente se observa um ambiente de destruição, esse grupo desafia os “horrores” da guerra para criar um âmbito de realização de possíveis, um horizonte de atuação, uma dimensão da existência para lidar como o medo e com a instabilidade de um futuro incerto. A manifestação dos corpos é, sobretudo, um ato político.



Fig. 2 - Adolescente mostra habilidade no Parkour em meio a ruínas (Foto: Mohammed Salem/Reuters)
<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2014/10/jovens-palestinos-fazem-parkour-em-bairro-destruido-de-gaza-veja-fotos.html>

Depoimento de Ahmad Matar, jovem palestino de 20 anos,
atualmente residente na Suécia.

Quando eu pratico “parkour”, posso esquecer essa situação, quando eu estava em Gaza. Foi a única coisa que eu poderia fazer, e a única coisa que me ajudou a manter a esperança de que o futuro estava chegando e que algo aconteceria para mim. Eu sempre estava praticando “parkour”. É minha vida, está no meu sangue, não posso deixar de fazê-lo. Para nós em Gaza, praticamos “parkour” para sentir nossa liberdade. Porque é o esporte em que podemos voar, podemos pular sobre os obstáculos, não há nada que possa nos impedir. Essa é a ideia de que podemos encontrar o nosso futuro e a nossa liberdade no “parkour”.

https://www.huffingtonpost.com/sarah-illingworth/learning-parkour-in-gaza-_b_14566606.html

Essa condição humana de integrar a ação com a subjetividade encarnada, faz do *ser-motricio* um transfigurador, criador e intérprete de realidades, ou seja, um agente ético, estético e político e não tão só um hábil e competente executor.

Transfigurar, criar e interpretar realidades

O *ser-motricio* ao agir co-implicado no mundo, cria e transfigura realidades. Não reduz a realidade a sistemas binários, não decodifica; ele interpreta nuances perceptivas somente acessíveis pela subjetividade encarnada, que, pelo poder da imaginação/realização potencializada pelas múltiplas linguagens, forma um “horizonte de mundo”. O *ser-motricio* não cabe num sistema algorítmico, pois não é só repetição e agrupamento de códigos, é criação de rede de sentidos, de valores e relações com capacidade de apreender e expressar, ou seja, configurar modos de ser no mundo, pois, “ser no mundo como homem, no caso de ver o mundo, não é apenas uma forma de enxergar, senão perscrutá-lo, de se locomover nele, de apreciá-lo...” (CRITELLI, 1996, p. 44). Se existir é uma tarefa, devemos perguntar: como humanos, somos seres de um único e pré-determinado tipo de realidade?

Não há formação da subjetividade sem a vivência de um corpo agindo nas múltiplas realidades que o cercam, ou seja, a subjetividade é constituída pelo nosso modo de *ser-motricio*, cuja matriz é o corpo sensível / perceptivo que, exatamente por isso, é motricidade¹⁴. A subjetividade é um modo de apropriação das realidades pela via de uma corporeidade ativa, é o enlace dos possíveis de realização que segue para além da realidade objetiva. A potente vinculação motricidade/subjetividade não apenas acessa realidades, mas às transfiguram. Assim podemos dizer que a motricidade/subjetividade é o deslocamento dos possíveis do corpo com ato confluyente e transfigurador de múltiplas realidades. A motricidade/subjetividade é uma dimensão criadora cuja matriz é o corpo de sentido/sensível que encontra modos de expressão pelo corpo de sentido/significado que não se distancia das realidades objetivas, mas as transcendem. Assim o nível de profundidade subjetiva dada na experiência objetiva está na proporção do poder de realização do corpo, isso é, seu modo de *ser-motricio*, sua inserção nas múltiplas realidades e a capacidade de interpretação e transfiguração. Quanto mais ampla é a capacidade transfiguradora, maior é o nível de acoplamento subjetivo da ação.

¹⁴ Cf. CAMINHA, I. O. Percepção e motricidade. **Revista Cronos**, Natal – RN, v.9, n.2, julho/dezembro de 2008, p. 333-347. Disponível em: <http://www.periodicos.ufn.br/cronos/article/view/1780>

Vejam os exemplos na poesia de Manuel de Barros “Retrato do artista quando coisa”¹⁵. Nesse poema é muito fácil perceber que o poeta transfigura a realidade percebida por sua corporeidade e a transcreve para a linguagem poética, com um potencial semântico e metafórico riquíssimo. Podemos dizer que o autor interpreta a realidade do mundo vivido e cria uma primeira transfiguração. O poema inspira o cantor Luiz Melodia a criar outra realidade, explorando agora a linguagem musical. Sua criação permite elaborar um álbum cujo título é o nome do próprio poema. Na 13ª faixa, Luiz Melodia transfigura o poema em canção a partir de seu potencial de realização, sua capacidade de interpretação e expressão pela linguagem musical.

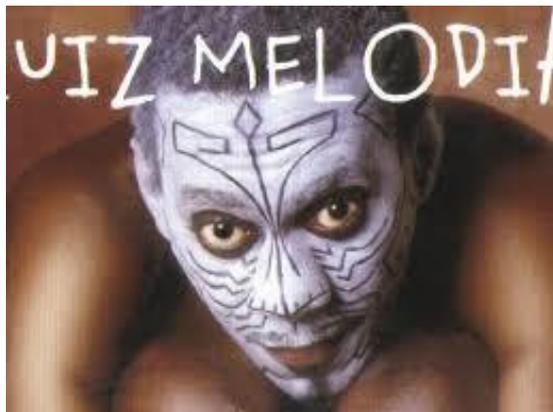


Figura 3 – Luiz Melodia – Retrato do artista quando coisa.
www.youtube.com/watch?v=3RY0bhn3Pa0 - 13ª faixa 44:40

Retrato do artista quando coisa: borboletas
Já trocam as árvores por mim.
Insetos me desempenham.
Já posso amar as moscas como a mim mesmo.
Os silêncios me praticam.
De tarde um dom de latas velhas se atraca
em meu olho
Mas eu tenho predomínio por lírios.
Plantas desejam a minha boca para cresce
por de cima.
Sou livre para o desfrute das aves.
Dou meiguice aos urubus.
Sapos desejam ser-me.
Quero cristianizar as águas
Já enxergo o cheiro do sol.

O mesmo fenômeno de transfiguração de realidades, devido ao entrelaçamento motricidade/subjetividade/ linguagens, ou seja, a matriz do potencial interpretativo, pode ser observado na relação do “cisne” com os humanos, o então chamado: *Swan Song*. Trata-se de uma expressão metafórica que representa um gesto final, um esforço final antes de findar a existência. A frase se refere a uma sonoridade emitida pelo cisne em momento de morte. Essa metáfora inspirou, por exemplo, a criação de obras musicais belíssimas como: *A Serenade from Swan Song* em Ré Menor de Schubert¹⁶;

¹⁵ Cf. BARROS, M. **Retrato do artista quando coisa**. Rio de Janeiro/ São Paulo: Record, 2009, p. 11.

¹⁶ Schubert Schwanengesang (Swan song, Serenade) Ständchen D 957 4. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=mODqQImgjUw>

O cisne – Carnaval dos animais de Camile Saint Saens¹⁷; *O canto do cisne negro* de Villa Lobos¹⁸ e, como deixar de citar a *Lago dos cisnes* de Tchaikowsky¹⁹. Em todas essas belíssimas obras estão evidentes o poder transfigurador de realidades do *ser-motricio*, possível somente pela capacidade de imaginação assentada na subjetividade.



Figura 4 – “The singing swan” (1655) – Reinier Van Persijn
https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Gravure_door_Reinier_van_Persijn.jpg

Como explicar essas fascinantes criações e transfigurações de realidades, e suas imaginativas inspirações, a partir de um pensamento linear e binário? Há dimensões da relação ação/subjetividade/realidades que são próprias da corporeidade humana. Essa condição de transfigurar, criar e interpretar realidades permite que consideremos a motricidade como capacidade de entreveramento de âmbitos, como diz Alfonso López Quintás, ou seja, como unidade integradora das realidades objetivas, subjetivas, intersubjetivas e transcendententes.

Motricidade humana como unidade integradora primordial

A ação (motricidade humana), integrada à subjetividade encarnada, rompe e desnaturaliza a fragmentação das realidades objetivas, intersubjetivas e transcendententes. A dicotomia cartesiana não tem espaço diante da força integradora da motricidade como experiência de totalidade estruturante primordial que pertence a uma rede de atuação e pertencimento. A própria determinação de um possível de ação já corresponde ao entrelaçamento das múltiplas realidades, tomada desde a matriz sensível de ordem não-reflexiva e pré-predicativa, passando pelo sentido/significado de ordem multiliguística até transpor-se para as realidades de sentido transcendente. O que a razão separa, a motricidade integra, uma vez que o *ser-motricio* não é só deslocamento “físico”, mas desdobramentos de modos de existir. Assim perguntamos: como unidade estruturante primordial do ser-no-mundo, como a ação (motricidade humana) pode configurar um significativo referencial educativo?

A motricidade é, segundo nossa compreensão, unidade integradora de todas as realidades vividas pelo corpo, uma esfera absoluta das realidades objetivas, subjetivas, intersubjetivas e transcendententes, permitindo que se edifique o si mesmo como intérprete da vida. A motricidade convida o ser a um modo de se situar no mundo para

¹⁷ The Swan (Saint-Saëns). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3qrKjywj07Q>

¹⁸ Heitor Villa-Lobos: O canto do cisne negro. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VLxmx4JTtBw>

¹⁹ Tchaikovsky - Swan Lake (Swan Theme). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=9cNQFB0TDfY>

além de um “saber onde está”, para “encontrar-se com o que se é”, para “saber como vibra” na ação que realiza. *Ser-motricio* é mais do que deslocamento, é ressonância. Não é agitação, ou seja, vibração dispersa de sentido fraco que conduz a um anestesiamiento das percepções e subjetividades. *Ser-motricio* é agir de forma sinérgica, imbricada numa complexa “rede de sentidos, valores e relações”, uma vez que deseja o encontro com os estados vibracionais de outros seres, ou seja, vislumbra conectar-se com estados de pertencimento subjetivamente integrados. A motricidade não é um objeto, é um vínculo. Diante disso podemos dizer que, para sermos intérpretes da vida, não podemos explorar somente as linguagens orais e escritas. Como *seres de ação, criadores e intérpretes da vida* faz-se necessário explorar as múltiplas linguagens, num movimento de apreensão e expressão de uma “rede de sentidos”.

Na figura a seguir apresentamos uma possibilidade de orientação para uma pedagogia da ação que situa o ato educativo para além do “saber fazer”:



Figura 5 – Motricidade humana e aportes para uma pedagogia da ação

Considerações finais.

A ação humana é criadora porque é transgressora de uma realidade pré-configurada. É projeto ininterrupto da formação e (re) construção de mundos e, por isso, tem profunda conexão com a educação. Os valores, os sentidos e as relações que atribuímos às dinâmicas vivenciais são criações que só se consolidam na presença de uma humanidade educadora. A educação pode ser, segundo o que apresentamos, o âmbito onde são tecidas as redes de atuação e pertencimento. Voltamo-nos para uma educação que toma como referência o *ser-motricio*, sugerindo a organização de uma *pedagogia da ação* e, para tal efeito, considerar que o ato educativo pode ser determinante na formação de “mundos horizontes”. Ao considerar a ação (motricidade humana) uma dimensão de totalidade, isto é, um entrelaçamento das realidades objetivas, subjetivas, intersubjetivas e transcendentis e, para que seja criada uma *pedagogia da ação*, propomos explorar:

- ✓ A práxis criadora;
- ✓ A imaginação;
- ✓ A transfiguração de realidades;
- ✓ A desejabilidade de transcendência (*ser-mais*) e busca da plenitude;
- ✓ A inteligência consciente – a presencialização do ato intencional;
- ✓ O potencial de vislumbrar possíveis de ação, projetar e projetar-se;
- ✓ As possibilidades de interpretação em distintas realidades;
- ✓ O entrelaçamento apreensão/expressão por múltiplas linguagens a partir do corpo sensível;
- ✓ Formação de identidade por narratividade; metáforas; historicidade;
- ✓ Um projeto de (re)configuração valorativa e ética da ação;
- ✓ A compreensão de si mesmo em ato/situação;
- ✓ O afeto; o vínculo; a emoção;
- ✓ A co-implicação e o encontro.

Referências:

- BARROS, M. **Retrato do artista quando coisa**. Rio de Janeiro/ São Paulo: Record, 2009, p. 11.
- CAMINHA, I. O. Percepção e motricidade. **Revista Cronos**, Natal – RN, v.9, n.2, julho/dezembro de 2008, p. 333-347. Disponível em: <http://www.periodicos.ufrn.br/cronos/article/view/1780>
- CRITELLI, D.M. **Análítica do sentido: uma aproximação e interpretação do real de orientação fenomenológica**. São Paulo: EDUC: Brasiliense, 1996.
- JOSGRILBERG, R. Sentido e significação: uma essencial distinção hermenêutica. In: NOGUEIRA, P. A. S. **Religião e linguagem: abordagens teóricas interdisciplinares**. São Paulo: Paulus, 2015.
- _____. O mundo-da-vida e os impasses sociais da tecnociência. Programa de Pós-graduação em Educação UMESP, 2017. *In mimeo*.
- FERREIRA, V. **Invocação ao meu corpo**. Lisboa: Livraria Bertrand, 1978.
- HIROSE, C. A experiência do corpo na cerimônia do chá: subsídios para pensar a educação. **Tese de Doutorado** - Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2010.
- LE BRETON, D. **Antropologia dos sentidos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.
- LÓPES QUINTÁS, A. **Inteligência criativa: descoberta pessoal dos valores**. São Paulo: Paulinas, 2004, p. 49-55.
- PEREIRA, A.M. A ciência da motricidade humana e as suas possibilidades metodológicas. **Revista Digital do Paideia**, v.2, n.2, outubro de 2010, p. 376-392. Disponível em: <https://www.fe.unicamp.br/revistas/ged/rfe/article/view/2162/2031>
- REIS, A.C. A subjetividade como corporeidade: o corpo na fenomenologia de Merleau Ponty. **Revista Vivência**, n.37, 2011, p. 37 - 48.
- <https://pt.scribd.com/document/200196173/Casanova-Dos-Reis-A-Subjetividade-Como-Corporeidade-2011>
- SANTOS, S.O. A educação do *ser-motricio* e a práxis criadora. **Tese de doutorado**. UMESP – Universidade Metodista de São Paulo, 2016. Disponível em: <http://tede.metodista.br/jspui/bitstream/tede/1590/2/SergioSantos.pdf>
- _____. O *ser-motricio*. **Revista International Studies on Law and Education**. Cemoroc/EDF- USP e Univ. do Porto, nº 27, setembro-dezembro de 2017, p. 37-48. Disponível em: <http://www.hottopos.com/isle27/37-48Sergio.pdf>
- SÉRGIO, M. **Ciência da Motricidade Humana: uma investigação epistemológica**. Rio de Janeiro: Palestra Edições Desportiva, 1985.
- _____. **Motricidade humana. Contribuições para um paradigma emergente**. Lisboa: Ed. Instituto Piaget, 1994.
- _____. **Um corte epistemológico. Dá educação Física à motricidade humana**. Lisboa: Ed Instituto Piaget, 1999.
- SOMBRA, J.C. **A subjetividade corpórea. A naturalização de subjetividade na filosofia de Merleau Ponty**. São Paulo: Ed. UNESP, 2006.
- TRIGO, E; MONTOYA, H. **Motricidad humana: aportes a la educación física, la recreacion y el deporte**. España-Colombia: Instituto Internacional del Saber Kontraste. Colección Léeme 17, 2015, p.57.
- TRIGO, E. **Ciência e investigación encarnada**. España: Instituto Internacional del Saber, Colección Léeme 8, 2011.

Recebido para publicação em 16-02-18; aceito em 05-03-18